

# Literatura infantil ou literatura dirigida à infância?

Ana Crélia Dias

Para tratar do conceito de literatura infantil, é quase impossível não falar da relação estreita que ela estabelece com a escolarização. Nascida com o advento da escola para a ela servir, o texto dirigido ao público infantil tinha propósitos de apoiar o projeto pedagógico institucional de instrução das crianças. Em crônica sobre o assunto, Drummond discorre sobre sua desconfiança acerca desse tipo de texto:

O gênero Literatura Infantil tem a meu ver existência duvidosa. Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de ser alimento para a alma de uma criança ou um jovem e se dirige ao espírito do adulto? (...) Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconceituosa se desfaz. (ANDRADE, 1944, 220<sup>1</sup>)

As indagações de Drummond servem tanto para questionar a qualidade duvidosa de algumas produções que ignoravam, à época em que o texto foi escrito (década de 40 do século XX), autonomia e inteligência infantis, como para reconhecer que a especificidade dos textos dirigidos às crianças não deve abrir mão de um processo de criação em que pese originalidade e qualidade estética. Portanto, se há divergências de opinião sobre existir ou não especificidade, não se pode negar a existência de um destinatário prévio, mesmo que não exclusivo, alvo de grande investimento por parte do mercado editorial, uma vez que as publicações direcionadas a ele rendem boas vendagens. Vale ressaltar, pois, que reconhecer que há um público infantil e juvenil, que verdadeiramente consome literatura, não significa afirmar que os mais jovens necessitam de textos especialmente criados para eles, que não seriam capazes de “entender” um texto “para adultos”. Nem significa que um texto, pensado para criança, não vá agradar aos adultos.

---

<sup>1</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Confissões de Minas*. Rio de Janeiro: América Editora, 1944.

## Literatura infantil ou literatura dirigida à infância?

A questão que se sobrepõe é a existência de uma produção que se constitui como um subsistema de um sistema maior, que é o literário, em que se encontram textos que já nascem com destinatário específico. Mas essa argumentação também não dilui os desentendimentos acerca do que seria ou não essa literatura, afinal, os textos escritos “para adultos”, apesar de serem pensados como mais universais em relação ao critério de destinação, nascem também na expectativa de aproximação identitária, entretanto, não diversa do produtor, como no caso das produções dirigidas a um público que não é o mesmo que produz. Ou seja, adulto escreve para adulto com previsão de destinatário, mas isso não lhe confere dificuldade porque não representa diferença do ponto de vista da produção, em relação a aspectos concretos (domínio linguístico, por exemplo) ou mesmo não tão palpáveis, como acesso a um universo simbólico diferente e constantemente mediado pela fantasia. Quando a escrita é para o público infantil, pressupor aproximação desse destinatário sem transpor para a linguagem mediação redutora parece tarefa mais complexa.

A produção de obras para crianças por vezes parece ignorar as fronteiras entre fazer estético e informar, e este fenômeno pode ser explicado pela proximidade que estabelece com a escolarização. Negar a realidade de escolarização da literatura é de certa forma desconhecer a relação que a instituição escolar trava com os conhecimentos que adentram seus portões – tudo que por ali passa acessará ônus e bônus deste contato. Ocorre que a relação da literatura infantil e juvenil com o compromisso escolar de formação por vezes precede a escolarização e se assume como demanda editorial, e, nesse sentido, é preciso pensar os propósitos.

Literatura infantil é, portanto, realidade escolar, uma vez que estabelece desde o início estreita relação com o espaço da escola e torna-se também realidade editorial, impulsionada pela demanda institucional e pelos constantes desvios e proximidades da Pedagogia. A relação com a tarefa de ensinar, que não cabe como função ao fazer estético, é tensionada pela defesa de literatura infantil como produção *literária* e, portanto, fruto de um processo artístico de criação.

Com o advento da presença de ilustrações no livro para crianças e o desdobramento em sofisticação que podemos observar na contemporaneidade, o conceito de literatura infantil alarga-se para dar espaço a um hibridismo de forma, em que o verbal vai compor

DIAS, A. C.

com a imagem e o projeto gráfico outro objeto artístico, no qual não cabem apenas os olhares críticos dos estudos literários.

Como no caso de literaturas dirigidas a outros públicos – jovem, adulto – hoje é mais complexa uma definição que estabeleça lugares rígidos para o que significa literatura infantil, diante da falência de paradigmas estruturais. Não têm sido pouco freqüentes os trânsitos de público entre os subsistemas e, no caso da literatura dirigida à infância, a distinção artística advinda da proximidade das artes visuais, alarga o público da obra e, no caso brasileiro, concorre para sua legitimação e, conseqüentemente, para que haja maior número de obras produzidas todos os anos, as quais muitas vezes nascem sob encomenda, com o objetivo claro de tratamento de temas ancorados em um tecido de fabulação: têm sido muito frequentes as obras paradidáticas que avançam para as escolas a partir de compras de governo.

Se é necessário ou não adjetivar literatura, a discussão demandaria mais tempo, pois seria necessário pensar sobre os limites entre ceder a uma realidade editorial de destinação de obras e desejo de adentrar o principal espaço de circulação delas, ou a uma afirmação de identidade do campo, no ponto de vista da criação e da leitura.

## SOBRE A AUTORA

**Ana Crélia Dias** possui graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, especialização em literatura infantil e juvenil, mestrado e doutorado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É líder do grupo de pesquisa Literatura e Educação Literária e integra o GT da Anpoll Literatura e Ensino. É membro votante da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil desde 2018.